

## **Sincronicidade**

*J. Roberto Whitaker Penteadó*

*Só o momento presente é eterno. - Ensino ioga*

É duplamente complicado - para o cronista semanal de uma publicação especializada - escrever sobre um fato que ocupa as manchetes de todas as publicações e as edições extraordinárias dos informes eletrônicos, como foi a tragédia do avião da Air France, no início da semana passada.

Entretanto, vou correr o risco - mais uma vez contando com alguma compreensão do leitor - tendo em vista a sincronicidade que me envolveu e afetou.

Na semana passada, escrevia aqui neste mesmo espaço sobre a experiência vivida, como editor da Revista da ESPM, de ter encarado o tema Um Mundo Só como denominador das matérias da edição deste bimestre. Graças à competência dos articulistas, debatedores e entrevistados, a revista pode levar aos seus leitores\* uma conclusão (tentativa) de que (1) o que mais une, hoje, a humanidade, é o Sonho e (2) o canal mais eficiente para que todas as pessoas possam comunicar-se entre si parece ser o da Arte. Sonho e arte igual a emoções.

A racionalidade, pelo caminho da ciência, permitiu que se concretizassem realizações consideradas como sonhos, no passado. E as especificidades do trabalho e da indústria - no que se chamou de economia - a sua democratização. Trata-se de uma divagação provocada pelo fato de que as 228 pessoas que embarcaram, no aeroporto do Rio, com destino a Paris, representavam 32 nacionalidades diferentes, de todos os continentes da Terra. Algumas delas, como os tripulantes da aeronave, desempenhavam as suas tarefas profissionais; muitos iam ao encontro ou retornavam de passeios a lugares e experiências com que um dia sonharam. Certamente, em todas as histórias que se encontraram no indesejado desfecho, houve emoção tão igual e, ao mesmo, tempo diversa.

Entre os que partiram, estava um amigo: Tadeu Moraes. Tadeu gostava de música mais do que qualquer outra coisa na vida; e os meses de férias abriam-lhe os caminhos - sempre aéreos - para ir ver e ouvir os concertos, recitais e óperas nas salas da Europa. Como ao que pretendia comparecer, no belo palácio do Século 17, em Drottningholm, no dia da festa nacional da Suécia. Eram coisas de que, às vezes, só ele sabia.

Morava só. Mas um outro amigo, Luiz, sabendo-o no avião acidentado, foi ao seu apartamento, abriu o computador e mandou a mensagem a todos os e-mails da lista: nosso amigo estava no vôo 447 da Air France. Houve respostas do Brasil, da França, do Canadá. Desconhecidos, encontramos-nos digitalmente, na angústia.

A instantaneidade e a abrangência da mídia são assim inexoráveis. Nas estatísticas, o mundo se distancia. Na notícia, o fato se dilui. Como se conceber mais de duas centenas de tragédias, se uma só é quase impossível de suportar? Mas é este o nosso planeta: único, abriga-nos, os bilhões de humanos que somos, e a outras trilhões de criaturas. E todos vivem - e morrem - um de cada vez.

**Disponível em:** <<http://www.jrwp.com.br/artigos/leartigo.asp?ID=527>>. **Acesso em:** 22 jul. 2009.